

Memórias sem segredo

Francisca Nogueira de Azevedo

PRESAS, José. *Memórias secretas da Princesa do Brasil: as quatro coroas de Carlota Joaquina*. São Paulo: Phoebus, 2008.

As comemorações do bicentenário da chegada da família real portuguesa ao Brasil ensejaram uma série de eventos que, por mais que se discuta sua pertinência, não se pode negar que assinalaram aquele momento como um marco na produção historiográfica sobre o período joanino. Além de novas edições – algumas delas, *best-sellers* –, 2008 trouxe uma série de novas reedições de obras que estavam fora de acesso ao leitor por muito tempo.

Este é o caso do livro publicado pela editora Phoebus (2008), *Memórias secretas da princesa do Brasil*, de José Presas. O livro teve a primeira publicação na cidade de Bordéus, em 1830, e uma segunda edição em Montevideu em 1858. No Brasil, a primeira edição, traduzida e prefaciada por Raimundo Magalhães Jr., é lançada no Rio de Janeiro em 1940 e a segunda, em 1966, pela Ediouro. Contudo, é muito raro encontrar a obra nas livrarias, bibliotecas, ou mesmo em sebos.

Neste sentido, esta nova edição do livro de José Presas é duplamente bem-vinda, uma vez que em 2010 será comemorado o bicentenário da Independência da Argentina e o autor foi um dos protagonistas dessa história.

José Presas, espanhol criado no vice-reino do Rio da Prata e bacharel em Direito pela Universidade de Charcas, provavelmente nunca teria passado à história se não tivesse sido secretário particular de Carlota Joaquina, mulher de D. João. Historicamente ele tem reputação polêmica: é por muitos considerado aventureiro, ambicioso, intrigante etc. Entretanto, ele foi, também, um intelectual típico desse momento convulsionado pela decadência da metrópole e influenciado pelo liberalismo/constitucionalismo crescente no mundo colonial. É importante ressaltar que Charcas era uma província com intensa atividade intelectual e

agitação política, em virtude da presença de grande contingente indígena que, desde meados do século XVIII, sobressaltava, com frequentes sublevações, as elites coloniais do Rio da Prata. Por outro lado, a Universidade de Charcas foi um dos lugares de germinação das ideias liberais na América colonial espanhola. Presas, portanto, vivenciou as contradições próprias de seu tempo.

Como advogado em Buenos Aires, transitou entre a intelectualidade rio-platense e, por isso, não hesitou em participar do grupo de *criollos* que apoiava a invasão inglesa ao vice-reino do Rio da Prata (1806 e 1807). Mais audacioso foi seu plano de resgatar o general inglês Beresford, que comandou a invasão e que fora preso pelas autoridades vice-reinais. Como fugitivos, ambos vieram para o Rio de Janeiro e se juntaram ao grupo de exilados portenhos que se encontrava na cidade.

Com a chegada da corte de Bragança ao Rio de Janeiro, Presas entra em contato com o almirante Sidney Smith, comandante da esquadra britânica que acompanhou D. João em sua viagem ao Brasil. A invasão francesa à Espanha e a prisão dos monarcas e de toda família real espanhola por Napoleão Bonaparte acabaram por favorecer o advogado exilado que é indicado, por Sidney Smith, secretário da princesa Carlota Joaquina, para colocar em execução o plano que previa tornar a Princesa do Brasil Regente de Espanha ou Imperatriz do Prata. Como filha do rei espanhol Carlos IV, Carlota Joaquina era a única herdeira direta do rei em liberdade. Para os exilados rio-platenses a monarquia constitucional seria o caminho mais seguro para a sonhada República e, assim, em conjunto com o almirante inglês engendraram o projeto carlotista. Presas atua como principal articulador entre a elite bonaerense e D. Carlota; priva da intimidade da princesa e durante algum tempo chega a ser seu confidente.

O livro é composto por 21 capítulos, cujo primeiro trata “Da minha viagem ao Rio de Janeiro

e do modo como fui introduzido naquela corte”. Os outros capítulos narram de forma cronológica o desenrolar dos acontecimentos que Presas vivenciou enquanto secretário e articulador político da princesa. Obedecendo à sequência cronológica, o último capítulo destaca o fim de seu relacionamento com Carlota Joaquina e intitula-se: “Impontualidade da Princesa em realizar o pagamento de minhas mesadas”.

Depois que embarca para a Espanha, José Presas continua recebendo salário pago por D. Carlota e consegue, ainda, a posição de Oficial da Secretaria de Estado, através de pedido dela ao irmão, o rei Fernando VII. Entretanto, o envolvimento de Presas com os liberais espanhóis e as frequentes críticas que faz à monarquia absoluta em panfletos e jornais torna-o personagem indesejável na Espanha, obrigando-o a fugir para a França. Nessa mesma época a princesa suspende também as “mesadas” do antigo secretário.

A obra traz ainda várias cartas privadas de Carlota Joaquina, mas em sua maioria de caráter familiar e político.

Na época em que José Presas escreve o livro, já havia rompido com Carlota Joaquina e, em virtude dos problemas que teve na Espanha, se achava exilado na França. O título da obra, *Memórias secretas da princesa do Brasil*, sugere que o autor pretende fazer revelações sigilosas sobre fatos que havia presenciado durante os anos que trabalhou para a princesa. No entanto, a obra não faz qualquer revelação importante e apenas insinua sutilmente uma relação mais amistosa entre D. Carlota e o almirante inglês Sidney Smith.

A importância da obra está no fato do ex-secretário relatar suas vivências na Corte do Rio de Janeiro e as implicações da política joanina para a fronteira sul. O apoio de Presas à monarquia constitucional, tendo D. Carlota Joaquina como regente, colocou-o no centro do debate político, possibilitando ao leitor descortinar as diferentes tendências e propostas ideológicas que compunham o arcabouço do ideário emancipador na região platina. Presas testemunhou todas as articulações, maquinações políticas, intrigas e paradoxos próprios do jogo político do Antigo Regime.

O relato é, sem dúvida, uma preciosa contribuição à história da cultura política da monar-

quia absoluta joanina, assim como do processo de emancipação das colônias espanholas que formavam o Vice-Reino do Rio da Prata.

Em seu prefácio à primeira edição brasileira, Magalhães Junior comenta que Presas, ao escrever o livro, “tentava uma chantagem em grande estilo à antiga senhora e ama [...]”; no entanto, se esse foi o real objetivo, o autor não obteve sucesso em seu intuito, pois Carlota Joaquina não chegou a ver o livro publicado. No início de 1830, a rainha morre em Queluz.

Nesta nova edição, a tradução foi atualizada e alguns trechos que haviam sido suprimidos nas edições anteriores foram incluídos, resultando em uma obra bem mais completa. Além disso, a edição é acrescida por excelente prefácio da historiadora Laura de Melo e Souza. Extraordinariamente bem construído, o prefácio contempla questões presentes na revisão historiográfica produzida no ano das comemorações do bicentenário da chegada da corte bragantina. Atualizando o tema, oferece ao leitor uma síntese das novas referências acadêmicas para a compreensão da obra no âmbito da historiografia contemporânea. Laura de Melo e Souza observa que as *Memórias secretas da princesa do Brasil* são, na verdade, as memórias de José Presas, de suas experiências vividas no cotidiano da corte portuguesa em momentos intensos da crise do sistema colonial, revelando a complexidade da política e da sociabilidade do Antigo Regime. O livro é, sem dúvida, documento importantíssimo sobre o reinado de D. João e, sobretudo, sobre os debates políticos que permearam as sociedades coloniais diante da crise gerada pela invasão da metrópole e, conseqüentemente, da decadência do absolutismo monárquico no mundo ibérico.